

OS MOMENTOS SURPRESA DE UMA AULA: REFLEXÕES SOBRE UMA SEQUÊNCIA

Wesley de Souza Lemos¹

Bruno Alves Pereira²

INTRODUÇÃO

O tema curiosamente formulado está entrelaçado fortemente à experiência vivenciada em sala de aula durante o período em que, como professor de Língua Portuguesa, dediquei-me a ministrar aulas, solicitadas pelo programa Residência Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tobias Remígio Gomes da cidade de Monteiro-PB.

Ser professor é estar sujeito a vários acontecimentos repentinos que podem, por ventura ou acaso, acontecer em seu dia a dia. Especificamente na sala de aula, temos a oportunidade de ter inseridas, em nossas vidas, novas realidades, experiências, contextos, situações, e indivíduos que, por sua vez, nos trazem uma gama de novas aprendizagens. O que nos leva a pensar: “como reagir/proceder se, numa aula, ocorrerem fatos que fujam daquilo que estava planejado?”. Dessa forma, iremos pensar em maneiras em como dar continuidade à aula sem desprezar/ignorar esses acontecimentos repentinos como também propor aulas didáticas que tornem os alunos atuantes em sala de aula.

Mostrar essas maneiras a partir de uma experiência vivida em sala foi o objetivo principal do presente artigo, tendo como base as contribuições de teóricos construindo uma ponte entre teoria e prática. As discussões teóricas ocorreram em períodos regulares e semanais antes de cada intervenção no decorrer do programa, análises em conjunto entre residentes que contribuíram significativamente para construção dos planos de aula, como também participação ativa do coordenador e cooperação da escola Tobias Remígio Gomes.

Com este artigo, perceberemos que ter um incentivo de iniciação à docência e experiências em salas de aula pode ser de extrema importância na formação do futuro professor. Formação que precisa ter como base teóricos e estudiosos que visem uma educação

¹ Licenciando em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus VI, Monteiro-PB, wesleyclassx2.0@gmail.com

² Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus VI, Monteiro-PB, brunoapcg@bol.com.br

formadora, que instigue a criticidade, a curiosidade, a aprendizagem e a troca de saberes entre indivíduos que estão lado a lado no ato de educar. Durante as produções das sequências didáticas e dos planos de aulas que foram utilizados no decorrer do programa, textos e artigos de autores renomados foram utilizados para preencher nossa bagagem de conhecimento e claro, nosso olhar crítico pedagógico, como Paulo Freire (1996) e Magda Soares (2001).

METODOLOGIA

Para realização das intervenções nas escolas, foram utilizados planos de aulas e sequências didáticas planejados levando em consideração as propostas curriculares da Secretaria de Educação do município de Monteiro-PB e os conteúdos elaborados para o ano letivo de 2019. Na execução de todas as aulas, foram utilizados como materiais de apoio outras fontes como pesquisas em sites da Internet, materiais midiáticos, Apresentações em *Power Point* (APP), vídeos, música, etc.

Os dados da intervenção aqui descrita foram registrados em diários de campo propostos pelo coordenador do programa, como modo de registro de cada aula, anotação de pontos importantes e vivência dentro do âmbito da escola.

Em minha primeira intervenção pelo programa Residência Pedagógica, elaborei uma sequência didática sobre o conteúdo que me foi estabelecido: a classe gramatical verbos, especificamente, o modo subjuntivo.

POR QUE MINISTRAMOS AULA DE GRAMÁTICA?

Fazendo um percurso histórico acerca da disciplina de Língua Portuguesa, sabe-se que nem sempre esta disciplina foi contemplada dentro do currículo como meio e propostas para ensino e aprendizagem de nossos alunos. Houve uma série de fatos que antecederam o “nosso português” para que ele chegasse à condição em que se encontra atualmente. Fatos esses que vem desde a época imperial. O ponto de partida da jornada da disciplina Português começa com a reforma do Marquês de Pombal ou a reforma pombalina, que no século XVIII, tornou obrigatório o uso da língua portuguesa no Brasil.

Apesar de várias controvérsias, a reforma pombalina contribuiu para a consolidação da língua portuguesa no Brasil e para sua inclusão e valorização na escola (SOARES, 2001).

Retórica, poética, e gramática eram as disciplinas nas quais se fazia o ensino da língua portuguesa até o fim do império. Só, posteriormente, elas foram fundidas numa única disciplina que passou a ser denominada Português (SOARES, 2001). Tendo em visão o caminho histórico e social percorrido pela disciplina de português, pode-se perceber que o ensino presente em nossas escolas sofreu grandes transformações durante várias décadas, contudo, ainda possui caráter conservador e tradicionalista em sua essência.

TRABALHANDO A SEQUÊNCIA COM OS ALUNOS

A instituição a qual estava atuando no momento me deixou com total autonomia sobre como trabalhar o conteúdo proposto. Já havia conhecido a turma durante algumas semanas de socialização com a escola na primeira etapa do programa no ano de 2018, a turma era composta por crianças com faixa etária entre 9 e 12 anos. Pretendia usar todo ensinamento teórico adquirido como graduando em letras-português para produzir bons resultados na intervenção, levando em consideração como foco principal meu aluno.

Durante as observações das aulas da professora atuante da escola, pude observar e anotar em meu diário de campo algumas reações de alunos que trabalhavam com gramáticas, sendo sempre reações negativas e de desaprovação. Tais comportamentos se deviam ao fato de que nossa educação é voltada, ainda, ao ensino bancário (FREIRE, 1996) no qual o aluno permanece em silêncio durante grande parte da aula e seu papel é apenas ouvir aquilo que o professor tem a dizer e, em seguida, repetir.

Após o preparo da sequência didática, no dia 23 de maio, entrei em sala com o plano de aula em mãos. Depois uma breve apresentação pessoal, dediquei-me a conhecer cada aluno, de onde vinham e suas experiências. Havia preparado material para uma dinâmica, pretendia não começar no assunto de imediato, disponibilizei imagens diversas sobre vários elementos, animais, profissões, esportes etc. Antes de dar execução à aula e à primeira proposta de atividade, busquei opiniões deles acerca do que eles achavam que aquelas figuras significavam e o que fariam com elas obviamente. Alguns não sabiam o que responder, porém, fiquei contente com o silêncio deles, pois a partir dali poderia instigá-los à curiosidade, criar possibilidades para torná-los alunos criadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1996). Observando a sala em que eles estavam, notava as paredes vazias, totalmente brancas, então, propus que cada produção que eles

fizessem seria exposta na sala de modo que todos se conhecessem, todos pudessem ver os talentos que escondiam em si.

A primeira reação que eles me mostraram foi um largo sorriso de nervosismo, que indicava que alguém os desafiava a exporem suas criações em sala, não as deixando limitadas aos cadernos. Assim sendo, a primeira atividade com o conteúdo “verbo no subjuntivo” era: *“O que vocês fariam se fossem a pessoa/animal que está sendo representado na figura?”*. A proposta era que eles escrevessem um texto, de oito linhas, e após uma socialização em sala, deixaríamos as criações expostas num mural. Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996). Uma primeira aula diferente das quais estavam acostumados a fazer. A surpresa ao ver que poderiam trabalhar de modo diferente a gramática que, para eles, era chata os deixaram curiosos com o resultado que alcançariam com a primeira atividade. Inconscientemente e com alguns auxílios, durante a produção do texto solicitado, os alunos foram usando os verbos no subjuntivo na construção do texto. O que me levou a pensar: *falantes nativos de português sabem utilizar de forma eficaz as palavras no ato de comunicação, o que nos leva a crer que o ensino de português em sala atualmente é mais uma questão de ensinar as nomenclaturas.*

Certamente, havia equívocos na construção de algumas palavras e suas frases, entretanto, eles conseguiam entender o que estavam escrevendo e, como professor leitor, algumas palavras que ali estavam se tratavam muitas vezes de uma variação linguística e regional. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando (FREIRE, 1996). Nossa aula estava baseada no princípio de *a criação do aluno deve ser aproveitada para a construção da aula*. Tomando conselho do coordenador da residência, dediquei-me a sempre aproveitar aquilo que os alunos produziam a fim de estudar o conteúdo em seu uso dentro de sala e contexto social, pois, segundo Paulo Freire (1996) ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.

Finalizada as duas primeiras aulas, no dia 25/05, com essa perspectiva, o mural foi produzido pela sala. A correção das produções foi mediada em conjunto entre alunos e professores. Fazer aula desta maneira fez com que os alunos se sentissem realmente participativos daquilo que estavam aprendendo, agora assumiam papéis de construtores da aula e não apenas ouvintes. Trabalhando com essa proposta, alguns alunos também tiveram oportunidade de se conhecerem. Nessa parte, discutimos a importância da preservação (da

natureza, dos animais etc). Nenhuma das imagens que usamos na primeira produção foi escolhida aleatoriamente, de modo que cada uma delas tinha um propósito reflexivo e crítico. Dediquei tempo a ouvir cada um deles acerca do que queriam para o futuro. Formar o aluno para a vida é um dos papéis fundamentais e primeiros do professor, como também, fazer uso dos conteúdos escolares e pensar eles em ação/prática na sociedade pode ajudar a responder àquela pergunta clássica que todo aluno faz: “*Onde eu vou usar isso na minha vida?*”.

A última aula que ministrei naquela intervenção foi no dia 26/06 e que, foi o ponto de partida para a construção dessa discussão. Foi pensando nela que pude perceber o quanto um aluno pode apresentar conhecimentos que modificam totalmente aquilo que estava planejado numa sequência didática. Nesta aula, havia preparado uma pequena dinâmica que, a princípio, estava programada para ocorrer dentro de sala. O foco agora era o tempo verbal futuro do subjuntivo. Propus então que, para estudar essa parte do conteúdo, criássemos uma “eleição” para eleger o futuro presidente do Brasil. Para tanto, eles teriam que criar um texto que mostrasse suas propostas para o futuro e suas possíveis realizações se eleito. A primeira resposta que obtive deles foi um “NÃO!”, o que me surpreendeu. Não era um assunto que agradava eles. Curiosamente, eles me deram outra alternativa, que ao invés de ser essa, eles poderiam ir brincar de pega-pega lá fora, de modo que, sempre que alguém fosse pego teriam que responder uma pergunta referente ao assunto.

Admirei a criatividade dos alunos ao pensar em uma maneira agradável de aprender o conteúdo que estávamos estudando. Assim sendo, não dispensei a ideia, deixei de lado o que havia produzido e, antes de partirmos para a “brincadeira”, fomos à lousa para que eu introduzisse e explicasse o que era o verbo no futuro do subjuntivo. Acolher essa iniciativa que interferiu diretamente na aula mostrou o poder de autonomia que eles possuem. Mesmo com essa mudança, a aula continuou com seu conteúdo. Apenas o plano de aula foi alterado, em parte, pelos alunos.

Ao ir para o pátio para darmos início à brincadeira avaliativa, a regra que foi estabelecida era “*Uma pessoa ficará encarregada de ser o pegador enquanto os outros correm. Aquele que for pego terá que criar uma frase que deverá conter um dos tempos verbais que ditarei (pretérito imperfeito, presente ou futuro do subjuntivo). Após responder, essa pessoa será o novo pegador e continuará a prova*”. A prova aconteceu. Pude ver que todos se divertiam enquanto aprendiam, havia sido um dia muito produtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, evidenciamos formas de se adaptar a mudanças que ocorrem dentro de sala de aula e planejar situações de ensino aprendizagem que tragam o aluno a participar da aula como atuantes e não apenas como ouvintes. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico (FREIRE, 1996). Vimos que permitir que o aluno tenha autonomia, ao mesmo tempo em que o professor executa o controle sobre a aula, pode desenvolver uma aprendizagem mais proveitosa para o alunado. Vale salientar que essa proposta teve como público-alvo alunos do 6º ano do fundamental. De modo que dependendo da faixa etária, novas dinâmicas e propostas devem ser adotadas, para pensar a aula voltada para o desenvolvimento e crescimento do aluno, não apenas do conteúdo.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- SOARES, Magda. Português na escola: História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (org.) **Linguística da norma.** São Paulo, 2002.